

**OS VULNERÁVEIS EM TEMPOS DE PANDEMIA – UMA ANÁLISE A
PARTIR DOS(AS) TRABALHADORES(AS) SUBALTERNOS(AS) E
DOS(AS) IDOSOS(AS)**

**THE VULNERABLE IN TIMES OF PANDEMIC – AN ANALYSIS
FROM THE SUBALTERN WORKERS AND THE ELDERLY**

**LOS VULNERABLE EN TIENPOS DE PANDEMIA – UN ANÁLISIS A
PARTIR DE LOS TRABAJADORES SUBALTERNOS Y LOS ANCIANOS**

Lidiana de Pinho Mendes¹
pinho.mendes@unesp.br

Fernando Henrique Ferreira de Oliveira²
fb.oliveira@unesp.br

Resumo

O presente artigo reúne dois pesquisadores que empreendem investigações em diferentes contextos geográficos e com distintos atores, mas que aproximam-se pela atenção à vulnerabilidade social destes. A primeira dedica-se ao estudo do cotidiano laboral de varredoras(es) de rua de Presidente Prudente/SP, o segundo debruça-se ao estudo do processo de envelhecimento, os sentidos e significados, a partir das lentes das geografias do envelhecimento. A crise sanitária da Covid-19 no Brasil têm demonstrado e acentuado as desigualdades socioespaciais e aprofundado as vulnerabilidades sociais. Estamos comprometidos em apresentar reflexões a partir da experiência social das(os) varredoras(es) e dos(as) idosos(as), a fim de demonstrar as minúcias que corroboram para a complexa trama da determinação social dos(as) vulneráveis. Com isto, objetivamos contribuir com a construção de uma reflexão socialmente justa e atenta a aspectos invisibilizados.

Palavras-chave: Covid-19, vulnerabilidade social, varredoras(es) de rua, idosos(as).

Abstract

This article brings together two researchers who undertake investigations in different geographical contexts and with different actors, but who approach them by paying attention to their social vulnerability. The first is dedicated to the study of the daily work of sweepers of Presidente Prudente/SP, the second focuses on the study of the aging process, the senses and meanings, from the lenses of the geographies of aging. The Covid-19 health crisis in Brazil has

1 Mestre e doutoranda pelo programa de Pós Graduação em Geografia da UNESP campus de Presidente Prudente/SP/Brasil.

2 Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, Universidade de Araraquara:Araraquara/SP/BR. Doutorando no programa de Pós Graduação em Geografia da UNESP campus de Presidente Prudente/SP/Brasil.

demonstrated and accentuated socio-spatial inequalities and deepened social vulnerability. We are committed to presenting reflections based on the social experience of the (the) women(s) and the elderly, in order to demonstrate the details that corroborate for the complex plot of social determination of the vulnerable. With this, we aim to contribute to the construction of a socially just and attentive reflection to invisible aspects.

Keywords: Covid-19, social vulnerability, street sweepers, elderly.

Resumen

El presente artículo reúne a dos investigadores que realizan investigaciones en diferentes contextos geográficos y con diferentes actores, pero que se acercan prestando atención a su vulnerabilidad social. El primero está dedicado al estudio del trabajo diario de los barrenderos en Presidente Prudente / SP, el segundo se centra en el estudio del proceso de envejecimiento, los sentidos y los significados, desde la lente de las geografías del envejecimiento. La crisis de salud de Covid-19 en Brasil ha demostrado y acentuado las desigualdades socioespaciales y ha profundizado las vulnerabilidades sociales. Nos comprometemos a presentar reflexiones basadas en la experiencia social de los barrenderos y los ancianos, para demostrar las minucias que corroboran la compleja trama de la determinación social de los vulnerables. Con esto, nuestro objetivo es contribuir a la construcción de una reflexión socialmente justa y atenta a los aspectos invisibles.

Palabras-clave: Covid-19, vulnerabilidad social, barrenderos, ancianos.

INTRODUÇÃO

Alto e claro o presidente escancara estar a serviço do capital, priorizando as atividades econômicas em detrimento da vida e saúde dos(as) trabalhadores(as). Vocifera contra medidas de isolamento, desrespeita as recomendações de proteção da Organização Mundial da Saúde e esforça-se em sabotar as ações de governantes, ministros(as) e prefeitos(as) que minimamente buscam controlar ou diminuir a tragédia que se desenha.

As reações são as mais variadas possíveis e, com certeza, está tensionada a já questionável popularidade de Jair M. Bolsonaro. Evidentemente, há uma ala mais dura da sociedade que endossa o discurso genocida e etnocida em prol da economia, mas estes definitivamente não são a maioria, já que uma pesquisa da Consultoria Atlas Político demonstra que 64% dos(as) brasileiros(as) desaprovam a maneira como o presidente conduz a crise³.

Uma vez que o crescimento de mortos e infectados continua a um ritmo assustador,

3

<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-19/gestao-de-bolsonaro-do-coronavirus-e-reprovada-por-64-e-45-se-dizem-a-favor-de-impeachment.html>

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/para-51-bolsonaro-mais-atrapalha-do-que-ajuda-no-combate-ao-coronavirus-diz-datafolha.shtml>

não tardará a torna-se claro a todos(as) o tamanho do erro cometido, salve àqueles(as) que realmente cultivam uma total indiferença a vida humana e compartilham com alguns personagens da história um deleite pela morte em massa.

Duarte (2020) ensina-nos que o Comitê Internacional de Taxonomia de Vírus (ICTV) adotou a nomenclatura SARS-CoV-2 (síndrome respiratória aguda grave 2) para nomear o novo vírus causador da Covid-19. O autor explica que Coronavírus são vírus de RNA de sentido positivo, com diâmetro entre 60nm a 140nm, em sua superfície possui projeções que lhe confere a aparência de uma coroa sob microscopia eletrônica.

Dados preliminares apontam o mercado de frutos do mar de Huanan como foco dos primeiros casos de Covid-19. Uma das possibilidades aponta para o morcego sendo reservatório da SARS-CoV-2, transmitindo ao homem via pangolim que possam ter sido comercializados no mercado. O autor chama atenção para a evidência de que diversos estudos identificaram o morcego como reservatório natural de diversos coronavírus, dentre os quais poderiam incluir-se o SARS-CoV-2. Com isso aponta-se para a improvável origem do SARS-CoV-2 de forma artificial, laboratorial ou por manipulação, assim como discorreu Duarte (2020).

Observamos que uma das características desta pandemia é oriunda das relações dialéticas entre sociedade e natureza, sendo que ambas estão em constante transformação e em evolução perpétua como ensina Harvey (2016).

Em uma publicação mais recente o autor debruça-se sobre a pandemia e reitera essa concepção. Destaca que o capital modifica as condições ambientais de sua própria reprodução, mas o faz em um contexto de consequências não intencionais e no contexto de forças evolutivas autônomas e independentes que remodelam perpetuamente as condições ambientais. Nesta perspectiva, não existe um desastre verdadeiramente natural. Os vírus sofrem mutação o tempo todo, mas as circunstâncias em que uma mutação se torna ameaçadora e fatal é dependente das ações humanas (HARVEY, 2020).

Outra observação é que estamos diante de uma pandemia inédita em nosso século, em um mundo globalizado, conectado, fluído e com deslocamentos numa velocidade nunca antes vistos, como bem desenharam Spósito e Guimarães (2020)⁴.

Neste mesmo sentido, Macedo, Ornellas e Bomfim (2020, p.3) discorrem sobre a necessidade de recordar que em 1894, teve início em Hong Kong a terceira pandemia de peste bubônica e foram necessários cinco anos para que chegasse ao Brasil. Desta vez, bastaram alguns dias para a chegada dos primeiros casos suspeitos. Desta forma a COVID-19, expõe a existência

4

<https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/35626/por-que-a-circulacao-de-pessoas-tem-peso-na-difusao-da-pandemia>

de uma globalização do vírus e que urge a nações como o Brasil repensarem as políticas públicas na saúde. Trata-se, portanto, de uma necessidade premeditada, não de uma fantasia ou fetiche governamental.

Apesar de todos(as) estarem propensos(as) a contaminação é preciso reconhecer que no Brasil, tal como mencionaram Bernardes, Aruzzo e Monteiro (2020), a pandemia da Covid-19 se dá em um território constituído por movimentos desiguais, com explorações do trabalho e da natureza até a exaustão, marcado por conflitos de diversas ordens o que instiga a necessária compreensão da Geografia de sua disseminação. Com isto as autoras chamam a atenção para a constatação de que a pandemia atual é um recorte do tempo presente que, para ser enfrentada deve, concomitantemente, alertar-nos para as estruturas retrógradas, reacionárias, tradicionalistas e rígidas da sociedade brasileira.

Quando a sociedade enfrenta uma crise urge aos cientistas responderem prontamente com o arsenal que dispõem à crise colocada. Há aqueles que estão trabalhando incessantemente na fabricação de álcool em gel e respiradores pulmonares, há aqueles empenhados na elaboração de protótipos de equipamentos de segurança para profissionais da saúde, há aqueles que buscam uma vacina e uma infinidade de outros cientistas que deixaram de lado suas pesquisas principais para olharem para esta demanda. Sendo assim, não poderíamos nos eximir de tal discussão.

Hulme (2020) ao discorrer acerca da pandemia da COVID-19 e as alterações climáticas globais, observa que as ações voltadas para a mitigação de ambas correspondem a soluções tecno-científicas, como se a natureza técnica da crise fosse evidente, assim, em muitos casos, a natureza contingente, conjuntural e social destas crises são obscurecidas. O problema é que o aparato estritamente técnico pode ocultar a variada e por vezes injusta, distribuição de exposição a riscos, acesso a recursos e capacidades para mitigação. Apenas ao incluir o conhecimento científico social é possível compreender a natureza social das crises que enfrentamos, daí desenvolver ações efetivas, justas e legítimas em resposta a esta.

Portanto o conhecimento científico social é crucial para a compreensão e mitigação de crises. As ciências sociais podem revelar informações secundárias efeitos sociais e psicológicos de respostas coletivas (incluindo falhas na resposta), percepções de risco e vulnerabilidade, e como indivíduos e instituições lidam com o desconhecido e as incertezas (HULME, 2020).

Nosso arsenal é oriundo de duas experiências investigativas em Geografia e os nossos esforços estão direcionados em estabelecer conexões entre as realidades investigadas e o enfrentamento da crise sanitária relacionada ao Coronavírus no Brasil. O primeiro estudo de caso traz a experiência de mulheres que atuam varrendo as ruas de Presidente Prudente/SP, o segundo estudo discorre sobre o envelhecimento e os(as) idosos(as) no contexto da Geografia. O

ensaio aqui descrito busca unir duas pesquisas e demonstrar as vulnerabilidades destes grupos no atual contexto pandêmico.

AS CLASSES SUBALTERNAS E A PANDEMIA – REFLEXÕES A PARTIR DO COTIDIANO LABORAL EM VARRIÇÃO

Não é novidade que as classes dirigentes atiram os(as) trabalhadores(as) a toda e qualquer sorte de privações, insalubridades, enfermidades e extorsões. Engels narra em meados de 1840 a total indiferença que destes com a situação da classe operária. O autor percorre os bairros operários, entra em suas habitações, não poupa nos detalhes desde a escassa alimentação, os vícios, as condições de vestimentas, a insalubridade das fábricas, os ritmos extenuantes e as jornadas de trabalho intermináveis (ENGELS, 2010).

Em um ambiente como este as enfermidades e epidemias eram muito correntes e espalhavam-se com muita facilidade: cólera, tuberculose, tifo, raquitismo estão no rol de algumas das doenças mais frequentes da época e estavam diretamente relacionadas com as condições sanitárias, alimentares e os dispêndios laborais dos operários, sendo estes as vítimas principais destas morbidades. A expectativa de vida era de 25 anos, dada a alta taxa de mortalidade infantil, sobretudo dos bebês e crianças da classe operária, desprovidos de praticamente tudo que se carece nos anos iniciais de vida.

Não sugerimos estar na Inglaterra do século XIX estamos conscientes que pontes diretas da realidade descrita por Engels para a atualidade brasileira são esforços estéreis. Mas não devemos ignorar os vários exemplo na história que podem ser valiosos para a compreensão da situação hodierna da classe trabalhadora. Assistimos escandalizados que a crise sanitária contemporânea atinge em cheio a classe trabalhadora, os subalternos, a comunidade negra, os(as) indígenas. Com os escritos de Engels (2010) dimensionamos com pesar o quão longe o Estado patronal e a burguesia são capazes de chegar em favor dos lucros.

O Estado brasileiro a cada dia mostra sua faceta autoritária, genocida e indiferente a estes que padecem nas favelas, aldeias, nos estados e municípios de menor expressividade econômica.

Para compreender a complexidade deste processo, recorremos a Antunes (2011) que explica que a essência da nova morfologia do trabalho, impulsionada pela reestruturação produtiva do capital e pelo modelo de produção *toyotista* de acumulação flexível, combina processos de enorme enxugamento da força de trabalho, acrescido das mutações sociotécnicas no processo produtivo e na organização do controle social do trabalho. Neste modelo a

flexibilização e a desregulamentação dos direitos sociais, a terceirização e as novas formas de gestão da força de trabalho são as marcas proeminentes.

O rebatimento para a classe trabalhadora é de um massivo contingente de trabalhadores(as) desempregados(as), subcontratados(as), *part time*, terceirizados(as), informais, dentre outras formas de precarização dos sujeitos que vivem do trabalho (ANTUNES, 2011)

A maioria da população mundial está se tornando descartável e irrelevante do ponto de vista do capital o que ampliará progressivamente a dependência da circulação de formas fictícias de capital e construções fetichistas de valor centradas na forma dinheiro e no sistema de crédito. Como é de se esperar, alguns segmentos da população são considerados mais descartáveis do que outros, assim mulheres e negros arcam com a maior parte do fardo e provavelmente arcarão ainda mais num futuro próximo (HARVEY, 2016).

Para Harvey (2020) é essa “nova classe trabalhadora” que está na vanguarda e tem o peso de ser a força de trabalho que está com o maior risco de contrair o vírus por meio de seus empregos ou de ser demitida sem ter garantias por causa da contenção econômica imposta pelo vírus.

Desapropriados dos meios de sobrevivência (desnaturizados, desterrados e desterritorializados, como ensinou Moreira, 2015), são obrigados a vender sua força de trabalho sob as condições e nos espaços impostos pelo capital. O(A) trabalhador(a) vivencia as inseguranças provenientes de rendimento insuficiente, da baixa oferta de trabalho formal, das ameaças patronais e da frágil situação econômica a qual é submetido. Estas condições em conjunto batem à porta das(os) trabalhadoras(os) e as(os) impõem a violência de escolher entre os riscos da enfermidade ou o risco de perder a fonte de sua sobrevivência e a de seus familiares.

Assim como bem sintetizam Bernardes, Aruzzo e Monteiro (2020, p.195), os trabalhadores dos centros urbanos que tiveram sua renda diária interrompida, assim como muito daqueles que continuam a trabalhar em serviços essenciais residem em áreas precárias de habitação e infraestrutura de serviços básicos. A cada dia comprova-se que não há urgência do Estado para garantir o mínimo para a sobrevivência e proteção dessas pessoas. Neste contexto, destaca-se a composição racial dos vulneráveis pela Covid-19 no Brasil. Os moradores de favelas e periferias, assim como os que estão em situação de rua são expressivamente compostos por pessoas negras (CAMPOS, 2011, citado por BERNARDES, ARUZZO E MONTEIRO, 2020). Conclui-se que os traços da desigualdade no país têm corpo e território:

Se dentre a maior parte da população em situação de rua, residente de favelas, cortiços, trabalhadores de serviços essenciais, logo, utilizadores de transportes públicos são negros, há de se ter uma política específica para essa população enfrentar a pandemia. É necessário racializar o debate a ser feito, pois os dados podem camuflar o racismo cotidiano (BERNARDES, ARUZZO E MONTEIRO, 2020, p.195).

É neste contexto que interpretamos a vulnerabilidade dos(as) trabalhadores(as) diante da pandemia do coronavírus. De acordo com Acselrad (2013) vulnerabilidade é uma noção relativa, está associada à exposição aos riscos e designa maior ou menor susceptibilidades de pessoas, lugares ou ecossistemas sofrerem algum tipo de agravo. A vulnerabilidade é decorrente de uma relação histórica estabelecida entre diferentes segmentos sociais. Para o autor, uma alternativa politizada de compreender as vulnerabilidades, seria a de definir os vulneráveis como vítimas de uma proteção desigual, e deflagrar os mecanismos de distribuição desigual de tal proteção.

Para eliminar ou diminuir a vulnerabilidade é necessário que as causas das privações sofridas pelas pessoas ou grupos sociais sejam ultrapassadas e que existam mudanças nas relações que os vulneráveis mantêm com o espaço social em que estão inseridos. Desta forma, chega-se a constatação de que a vulnerabilidade é socialmente construída e definida a partir de um ponto de vista.

Isso porque os grupos sociais convivem com horizontes e expectativas de vida distintas: quanto mais estreito for o arco das expectativas, maior a propensão a aceitar as condições, que em outras circunstâncias, momentos e lugares são inaceitáveis (ACSERALD, 2013). Neste mesmo sentido, Marandola Jr e Hogan (2006) compreendem que a dimensão psicológica (existencial) e a dimensão cultural do risco são fundamentais para compreender, por exemplo, a aceitabilidade de certos riscos em detrimento de outros.

A questão é: a vulnerabilidade é relativa e socialmente constituída. Dito isso, discorreremos sobre possíveis interpretações acerca dos impactos da crise do Coronavírus no cotidiano laboral de mulheres que atuam varrendo as ruas de Presidente Prudente/SP. É preciso considerar os limites desta reflexão. O primeiro é que a crise sanitária acontece agora, ou seja, a cada momento a trama complexifica-se. É extremamente fugaz compreender o “agora”.

O segundo limite atribuímos ao fato de estarmos impossibilitados de realizar qualquer investigação de campo neste momento. As análises aqui empreendidas tem como base os resultados de Mendes (2019), da familiaridade construída com o público investigado, do levantamento das tomadas de decisão do município frente à pandemia da Covid-19 e das medidas adotadas pela empresa responsável pela limpeza pública no município.

Mesmo considerando esses limites afirmamos a relevância de construir uma reflexão voltada a este público, pois já havíamos constatado as vulnerabilidades e os riscos desta função, com atenção aos riscos invisíveis, ou seja, pouco vistos ou ignorados, como a exposição contínua aos elementos atmosféricos. Agora somam-se a estes mais um potencial fator de saque de vida: a

exposição a Covid-19. Sendo assim, reunimos abaixo algumas informações relevantes para a discussão.

Em 10 de maio a cidade apresentava 62 casos e 5 mortes por Coronavírus, o jornal Folha de São Paulo divulgou que Presidente Prudente possuía a menor taxa de isolamento do Estado de São Paulo. Nesta mesma reportagem, menciona-se uma superlotação dos transportes públicos urbanos devido a uma redução nas frotas de ônibus.⁵

Em 13 de maio de 2020 o jornal local O Imparcial informa que todos os 32 leitos de UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) do Hospital Regional Doutor Domingos Leonardo Cerávolo de Presidente Prudente atingiram 100% de sua capacidade⁶.

Dia 20 de maio de 2020 o interior paulista ultrapassou a capital de São Paulo no ritmo de contaminações e mortes por Coronavírus. Presidente Prudente destaca-se como a cidade do interior paulista que mais apresenta novos casos, o crescimento foi de 379%⁷.

Em 22 de maio o prefeito da cidade apresentou um plano regional de retomada das atividades econômicas previstas para 1º de junho de 2020. O plano está dividido em três fases com intervalo de 14 dias cada. O documento prevê a liberação gradativa para o funcionamento de determinadas atividades, com afrouxamento de horários para o atendimento ao público, número de pessoas que podem frequentar os estabelecimentos e medidas a serem adotadas pelos diferentes tipos de serviços. O documento prevê ainda que sua execução está determinada pela estabilização de número de casos novos e pela capacidade de leitos hospitalares para atendimento à demanda.⁸

Dia 25 de maio de 2020, a cidade registrou, 112 casos confirmados, 10 óbitos por Covid-19, 79 curados e 49 casos aguardando resultado⁹.

Apesar da situação desalentadora que enfrenta Presidente Prudente, o prefeito da cidade endossa uma narrativa de retomada das atividades comerciais na cidade. Esta decisão é particularmente impetuosa com o setor de limpeza pública, uma vez que este não teve suas atividades suspensas, tal como pode ser observado na Portaria 05/2020¹⁰ que versa sobre as

5

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/com-menor-taxa-de-isolamento-de-sp-presidente-prudente-tem-idosos-no-centro-e-parque-cheio.shtml>

6

<http://imparcial.com.br/noticias/covid-19-100-dos-leitos-de-uti-do-hr-estao-ocupados,34862>

7

<https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2020/05/20/com-aumento-de-379percent-oeste-paulista-lidera-lista-de-crescimento-de-casos-de-covid-19-no-interior-do-estado.ghtml>

8

<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/Documento.do?cod=53979>

9

<https://www.inovaprudente.com.br/coronavirus>

10

determinações de medidas para o setor de limpeza e asseio de Presidente Prudente/SP em contexto de Coronavírus., divulgada pela empresa responsável pela limpeza pública na cidade.

O documento citado prevê no Artigo III que: *os colaboradores de até 65 (sessenta e cinco) anos de idade que não apresentem comorbidade e não puderem trabalhar em sistema de home office deverão retomar suas atividades normais no local de trabalho.*

Impedidos de ter as atividades suspensas por ser uma atividade essencial, os trabalhadores e trabalhadoras da limpeza pública permanecem em ruas e avenidas de circulação de pessoas, com especial menção as(aos) varredoras(es) foco de nossas atenções.

Ao entrevistar treze varredoras(es) de Presidente Prudente/SP em Mendes (2019), observou-se que nove destas eram mulheres e doze se autodeclararam negras(os) ou seja, pretas(os) ou pardas(os). O que traz a tona o padrão social e histórico que impõe atividades degradantes, mal remuneradas e insalubres para as minorias étnicas.

Outra característica de destaque é que oito das(os) treze entrevistadas(os) apresentam idade acima de 40 anos, e três acima dos cinquenta anos. De acordo com informações coletadas no site da contratante são 190 varredoras(es) de rua atuando na cidade. Apesar de a entrevista não contemplar totalmente o público investigado, em outras circunstâncias realizou-se uma entrevista com o técnico em segurança do trabalho e um membro da então diretoria da empresa, na qual confirmou-se uma expressiva presença de funcionárias(os) da varrição com idade avançada.

As comorbidades também aparecem nas investigações empreendidas com as varredoras, ao total 4 varredoras mencionam ter doenças do sistema circulatório (as duas primeiras em uma entrevista realizada em grupo e duas em entrevistas realizadas em suas respectivas residências). Observa-se que essa informação tende a ser muito mais acentuada, uma vez que nas entrevistas com as(os) varredoras(es) houve menções destas terem conhecimento das enfermidades de suas colegas, inclusive uma testemunhou o infarto de sua amiga durante o trabalho.

Sublinha-se que dentre o grupo de risco de pessoas que envolvem a Covid-19 estão as pessoas com comorbidades específicas, assim como destacam Bernardes, Aruzzo e Monteiro (2020). As autoras mencionam que existem questões históricas, sociais, econômicas e políticas na configuração das estruturas da sociedade e, conseqüentemente, a prevalência de certas doenças ligadas à cor/raça e classe.

Segundo a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO, 2020 *apud* BERNARDES, ARUZZO E MONTEIRO, 2020), no Brasil, a população negra registra os maiores números de casos associados a comorbidades, como diabetes e hipertensão, além da

anemia falciforme.

Existem cinco recomendações básicas estabelecidas pelo Ministério da Saúde com vista à proteção ao Coronavírus: 1. Lavar a mão frequentemente, 2. Usar o cotovelo para cobrir a tosse, 3. Não tocar o rosto, 4. Manter distância segura de outras pessoas e 5. Não sair de casa se possível. Quantas destas recomendações as varredoras conseguem adotar em suas rotinas laborais?

Em Mendes (2019) encontramos indícios de que as varredoras enfrentam dificuldades em encontrar um local adequado para higienizar as mãos, usar o banheiro, repor água e se alimentar, exceto aquelas que atuam próximas a banheiros públicos. Prova disso é o quanto é comum observar as(os) varredoras(es) sentadas nas calçadas almoçando. Inclusive algumas entrevistas desta pesquisa foram aplicadas nestes momentos, no horário de almoço, nas calçadas. O relato de uma das entrevistadas é expressivo desta condição:

Então, a história dos serviços gerais, gari, é doída, a gente trabalha na rua a céu aberto, almoça em qualquer local, onde tá na rua, vai pedir um banheiro numa casa, ou tá quebrado ou tá ocupado, se pede uma água: “Toma na torneira, porque a água é comprada” (...) (RELATO EXTRAÍDO DE MENDES, EX-VARREDORA 2019, p. 147).

Devido às características da função laboral, as varredoras(es) estão impossibilitadas de seguir as recomendações básicas oficiais. Outra característica que poderíamos mencionar diretamente relacionado ao “estreito do arco das expectativas” das varredoras é que deparamos com um cenário no qual apesar da atividade reunir um conjunto de situações insalubres e degradantes para as varredoras, diante da precariedade de empregabilidade imposta para a classe trabalhadora brasileira, sobretudo aos subalternos, a atividade ainda assim reúne uma série de direitos básicos, que não estiveram presentes em ocupações laborais anteriores (carteira assinada, direito a férias remuneradas, dentre outros), assim como emerge nos dois relatos abaixo:

- É uma exploração e o povo fica tudo com medo, com medo, se eles perderem esse serviço aí vai fazer o que né? É difícil. Junta a idade vai trabalhar de que? Estudo não tem, não é letrado, não é nada [...], fazer o que né? (RELATO EXTRAÍDO DE MENDES, EX-VARREDORA, 2019, p.145).

- É o que sustenta a minha casa. Foi o que me deu estabilidade para poder ir em uma reunião das minhas filhas porque não é qualquer empresa que faz isso. Eu trabalhei em uma casa como cozinheira, do lar durante anos, anos e anos, para eu sair de lá e ir em uma reunião de escola, eu não conseguia ir [...] [...] Agora na empresa você tem médico, você pode pagar no sábado fica devendo um dia, tem um evento no [...] você pode ir lá e pagar, se a sua filha tá doente você leva no médico, você leva o atestado na firma, se tiver um evento ela vai pôr você pra trabalhar e mata o seu atestado pra não descontar do seu pagamento, então eu vi vantagens [...] Feriado não trabalha, emenda ponto facultativo, então tem essas... que eu nunca tive na vida. (Grifos nossos, RELATO EXTRAÍDO DE MENDES, MARGARIDA, 2019, p. 165).

Desta forma, o retorno das atividades em um cenário pandêmico, ou a aceitação de outras condições degradantes da função são condições “toleráveis” dada a precária inserção destas no mercado de trabalho. Diga-se de passagem, que essa sujeição tende a se ampliar com o desmantelamento dos direitos trabalhistas de impulso neoliberal que tem tomado proporções avassaladoras na atual gestão governamental.

A partir desta síntese pergunta-se: o que se pode esperar para as(os) varredoras já adoecidas(os), de idade avançada, que lidam com as já precárias condições laborais e agora são atiradas a um risco a mais: a contaminação por Coronavírus? Neste contexto o retorno das atividades comerciais em Presidente Prudente é particularmente atroz a estas(es). A tese de Costa (2004) confirma-se mais uma vez de forma amarga: são realmente homens e mulheres invisíveis e de fato “os traços da desigualdade no país têm corpo e território”.

UMA LEITURA CRÍTICA E GEOGRÁFICA DO ENVELHECIMENTO E DOS(AS) IDOSOS(AS) EM TEMPOS DE PANDEMIA

Nessa seção, nos propomos a pensar o envelhecimento e os(as) idosos(as) a partir da Geografia, pois entendemos que a disciplina pode contribuir para uma leitura da produção social do espaço, atravessando as relações e os conflitos, para visibilizar o movimento dos sujeitos sociais e suas práticas espaciais. A partir dessa lógica, nosso trabalho pretende contextualizar o sujeito idoso para além de uma visão epidemiológica, que representa as pessoas sem classe, cor, gênero e sexualidade, retratadas apenas em conjunto de números, pois compreendemos a necessidade de revelar a sociedade e seu movimento, identificando os sujeitos que se utilizam das práticas espaciais para se reproduzirem no espaço. Portanto, pensar a sociedade em sua dinâmica, nos permite compreender que a construção geográfica das sociedades é resultado das práticas espaciais (LACOSTE, 1988), materializadas em ações que têm o binômio localização – distribuição (MOREIRA, 2001). Essas ações dão mobilidade e movimento aos sujeitos no espaço. O conteúdo social dessas práticas é um dos pontos que nos interessa, pois como apontam Harper e Laws (1995), as experiências de envelhecimento também podem produzir espacialidades específicas, se tomarmos como parâmetro questões como acessibilidade, mobilidade, motilidade, escala e segregação.

Nosso objetivo é discutir como o envelhecimento e os(as) idosos(as) se materializam como temas geográficos importantes, porém pouco atraentes e pesquisados no âmbito da geografia brasileira. Consideramos necessário um maior envolvimento por parte dos(as)

geógrafos(as) em relação aos temas, na medida em que o envelhecimento se define como um processo complexo e uma realidade (em curso) que se desdobra na dinâmica da sociedade, impactando as relações que os sujeitos estabelecem entre si e o espaço. Temos a compreensão de que esse processo afeta todos os indivíduos com a passagem do tempo e tornou-se uma questão social de escala global no século XXI, exigindo novas posturas, ações e estratégias do Estado e da sociedade em geral.

Argumentamos sobre a necessidade de construção de uma base teórica e empírica de estudos relacionados ao envelhecimento na ciência geográfica. Defendemos também o avanço e a ampliação desses estudos na geografia brasileira, reconhecendo o envelhecimento como uma categoria potente e os idosos como sujeitos sociais importantes na construção do espaço geográfico. Ao escrever essa seção verificamos que o envelhecimento ainda não é um tema central nas pesquisas desenvolvidas no contexto da geografia brasileira, quando citados, aparecem sob um viés demográfico e epidemiológico, partindo de dados e estatísticas, não evidenciando os sujeitos idosos e suas práticas espaciais. Por isso, entendemos a necessidade de ampliar a discussão em torno desses conceitos para pensar a complexa relação entre o sujeito idoso com o espaço e a experiência de velhice.

Como ilustrado até agora, nossa intenção é apresentar as maneiras de como a Geografia pode contribuir na compreensão das experiências de idade, sobretudo o envelhecimento, analisando a relação sujeito e espaço e questionando atitudes etaristas e ageistas em relação aos idosos, que se explicitou ainda mais com a pandemia do Coronavírus.

Nas narrativas construídas em torno da velhice e do lugar dos(as) idosos(as) na sociedade é comum associarmos essa experiência a situações de dependência, perda da capacidade física e mental, em que velho e doente são vistos como sinônimos. Notamos que durante a pandemia isso se intensificou com a proliferação de discursos que colocam os(as) idosos(as) como um peso para a sociedade e também como piadas sobre as dificuldades de se manterem em isolamento. No entanto, nosso objetivo é mostrar que existem outras leituras para além da relação velhice e enfermidade, em que os idosos possam ser compreendidos como sujeitos ativos, saudáveis, independentes e com bom nível de qualidade de vida.

Ao eleger o envelhecimento como categoria central dessa análise, buscamos apresentar aos(as) leitores(as), as múltiplas construções e representações sociais sobre essa experiência, explicitando como os homens e as mulheres idosas podem se tornar sujeitos sociais importantes de serem compreendidos pelas lentes da Geografia. Esse texto foi escrito com o objetivo de contribuir numa leitura mais positiva, crítica e geográfica da velhice e dos sujeitos idosos, desconstruindo estigmas e visões negativas, com o intuito de revelar as práticas espaciais e a

contribuição desse grupo para a sociedade.

No livro “*Velhice: a realidade incômoda*”, Simone de Beauvoir (1970) descreve como as experiências de velhice foi se ressignificando de acordo com o tempo e o espaço. Em sua análise, a velhice é compreendida como um processo multidimensional, comum e irreversível a todos os seres, portanto, deve ser compreendida tanto do ponto individual, quanto uma questão social. A autora ressalta que é impossível reconhecer a velhice sem levar em conta os fatores econômicos, mas também, não podem ser suficientes, pois existem outras dimensões que compõem esse processo. Nesse sentido, entendemos que “para compreender a realidade e o significado da velhice é, portanto, indispensável examinar qual o lugar nela atribuído aos velhos, qual imagem que deles se tem em diferentes épocas e em diferentes contextos” (BEAUVOIR, 1970, p. 41).

As sociedades estabelecem uma hierarquia das idades (BEAUVOIR, 1970), com a supervalorização do corpo jovem em detrimento do velho, em que a velhice é representada como um processo de perdas, declínio e decadência física e mental. A autora chama a atenção para o fato de que cada sociedade cria valores e representações sobre essa etapa de vida de acordo com a cultura e o contexto social. Algumas entendem o envelhecimento como declínio e acúmulo de perdas, enquanto outras valorizam a velhice como uma época de ganhos de sabedoria, experiência e conhecimento. Nesse sentido, Beauvoir (1970) aponta que a velhice só poderia ser compreendida em sua totalidade, não representada apenas como uma dimensão biológica, é também uma dimensão cultural.

Ao analisar a velhice nas sociedades menos complexas, a autora concluiu que em alguns grupos, o passar do tempo é concebido como o afastamento da juventude, não como um prenúncio de futuro e mostra que os velhos já exerciam um papel importante dentro dessas sociedades, que em muitos casos, enaltece miticamente a velhice. Algumas dessas narrativas apresentam os velhos como mágicos poderosos, como inventores, como curandeiros e detentores da sabedoria.

No entanto, um dos casos apresentados no livro, mostra que muitas sociedades só respeitam as pessoas idosas “enquanto estas se mantêm lúcidas e robustas, desembaraçando delas quando se tornam decrepitas e caducas” (BEAUVOIR, 1970, p.57). Contudo, a autora demonstra que a maioria das sociedades não deixam que os velhos morram como animais.

Beauvoir (1970) também apresenta exemplos de sociedades estratificadas em forma de gerontocracia, administrada pelos mais velhos, como o caso dos *Aranda*, povo que viviam no interior das florestas australianas. Entre os *Aranda*, os homens de cabelo grisalho, classificados como “os quase mortos” eram os membros mais respeitados dentro da comunidade (BEAUVOIR, 1970). A memória e experiência desses sujeitos são fundamentais para a

manutenção e prosperidade do grupo, na medida em que conheciam as tradições sagradas, os cantos, os mitos, as cerimônias religiosas e os costumes, exercendo uma posição de respeito dentro do grupo. Portanto, os homens mais velhos eram responsáveis por reger a vida religiosa do grupo, celebrando as cerimônias e os rituais, além de ter o papel de instruir os mais jovens. Segundo a autora, eles eram temidos e seus saberes eram vistos como uma espécie de poder mágico, pois, “o melhor intermediário entre este mundo e o outro mundo é aquele cuja a idade se aproxima do além. São as pessoas de idade que dirigem a vida religiosa e esta domina toda a vida social” (BEAUVOIR, 1970, p. 68). Nessa sociedade, os homens velhos exerciam o poder sobre o os mais jovens, o mais idoso era o líder, o que tinha a autoridade em suas mãos.

A questão da velhice foi encarada de múltiplas formas ao longo da história das sociedades, desde uma realidade incômoda (BEAUVOIR, 1970), até como uma questão social, de conquista de direitos e acesso a melhores condições de sobrevivência. Podemos constatar que a velhice se ressignificou com o tempo e que ser velha(o) na contemporaneidade representa ter acesso a um conjunto de possibilidades, como, um mercado de consumo específico para a terceira idade, ter direitos garantidos pelo Estatuto do Idoso, porém, por se tratar de uma experiência heterogênea, nem todos os sujeitos têm acesso a modelos de envelhecimento mais adequados e saudáveis.

Hopkins e Pain (2007) demonstram como os(as) idosos(as), as crianças e os jovens foram esquecidos e marginalizados nas análises geográficas. Em muitos estudos, esses sujeitos são descritos e representados de forma estereotipada, vistos como dependentes, fisicamente menos capaz e socialmente excluídos.

Ao analisar as relações de idade na Geografia, Tarrant (2011) situou os idosos como uma população pequena, mas significativa, ainda pouco pesquisada na geografia humana. Contudo, nos últimos anos, os idosos e o envelhecimento passaram a ser revisitados pelos(as) geógrafos(os), devido a importância que esses sujeitos dão a vida familiar e ao espaço doméstico. A autora evidencia o papel que os(as) idosos(as) desempenham na contemporaneidade (especialmente na vida de seus filhos e netos), além dos impactos do envelhecimento populacional e a dimensão desse fenômeno nas experiências cotidianas dos sujeitos. Partindo de uma abordagem relacional da idade, discute-se como as identidades dos idosos são construídas por meio dos espaços sociais e das relações, em que a família tem um papel fundamental.

Na atualidade, vemos o surgimento de novas concepções em relação aos idosos e ao envelhecimento, essas mudanças estão relacionadas ao contexto de “aumento da longevidade tanto para mulheres quanto para homens, taxas de natalidade em declínio, taxas mais altas de divórcio e casamento e o progresso tecnológico (TARRANT, 2011, p.2). No entanto, as

construções mais tradicionais sobre a identidade dos idosos ainda são carregadas de preconceitos, estigmas e estereótipos, tratando a velhice como uma condição desvalorizada e incômoda.

Mowl et al. (2000) analisaram como os idosos constroem identidades e espaços de velhice. Nesse sentido, as autoras sugerem que construções de lugares e corpos como “velhos” são influenciados por gênero, classe e habilidade. Elas argumentam que a velhice é espacializada e apresentam três construções incorporadas a essa experiência, isto é, três temas que surgiram em resposta a velhice durante a pesquisa. “Elas envolvem fragilidade física (o início de problemas de saúde ou incapacidade), aparência física do rosto e do corpo e capacidade física (a capacidade de continuar funções e atividades anteriores) (MOWL et al, 2000, p.3).

Por outro lado, as geografias do envelhecimento passaram a questionar o conceito e o entendimento de idade para além de um rótulo descritivo, como uma construção social contestável, que estrutura as formas de ordenamento geracional e segmentação espacial, definindo quais os espaços e os lugares são destinados para os sujeitos de acordo com a sua idade.

Schwanen et al. (2012) nos apresentam algumas razões pelas quais é necessário uma aproximação mais consistente com o envelhecimento e os idosos por parte dos(as) geógrafos(as). A primeira é o crescimento do número de idosos em termos absolutos e relativos, tanto em países mais desenvolvidos, bem como nas economias emergentes e em desenvolvimento. De acordo com os autores, esse processo afeta as relações intergeracionais, pois o crescimento do número de idosos é visto como uma ameaça a sustentabilidade dos sistemas de saúde e previdenciário. Também, percebeu-se uma transformação no padrão de diversidade das famílias, com o aumento de famílias de várias gerações, muitas vezes chefiadas por idosos.

A segunda razão vai de encontro com o “embaçamento” das identidades ao longo dos cursos de vida, o que torna difícil compartimentar “a infância, idade adulta e velhice em estágios distintos da vida ou usar indicadores cronológicos de idade para identificar jovem ou velho” (SCHWANEN et al, 2012, p.1291). Exemplos disso, é o uso da estética, de produtos de beleza e cirurgias plásticas para disfarçar ou “retardar” os efeitos do envelhecimento no corpo. “O resultado disso é o surgimento de novas configurações espacialmente diferenciadas de envelhecimento e idade” (SCHWANEN et al, 2012, p.1292).

A terceira trata dos discursos neoliberais de “envelhecimento ativo” que busca superar as imagens sobre a velhice na era industrial, associada a situações de dependência, passividade e declínio, nos quais os idosos devem mudar suas atitudes e se tornar indivíduos mais ativos, independentes e saudáveis, para melhorar sua qualidade de vida. Um segundo ponto abordado, é

o discursos de que os idosos devem melhorar seu bem-estar e serem mais abertos aos assuntos sociais, as tecnologias e as informações da sociedade contemporânea.

Laws (1995) destaca como as geografias feministas e o pensamento relacional evidenciou como a organização do espaço pode integrar ou segregar os(as) idosos(as) no âmbito da sociedade e a sua relação com o ageísmo. A autora foca na relação entre espaço e idade, pois, em nossa sociedade os espaços são delimitados de acordo com a idade, há lugares específicos para crianças, jovens, adultos e velhos, portanto, entendemos que o espaço pode ser um forte elemento de ordenamento geracional.

Ao explorar as relações entre espaço e idade Laws (1995) e Mowl et al (2000) mostram como os espaços e os lugares em que vivemos, trabalhamos e realizamos nossas atividades diárias são estruturados e classificados de acordo com a idade. Laws (1995) entende que, “nossa posição metafórica também varia de acordo com o aumento da idade, à medida que a velhice é periférica (sua imensa desvantagem) dos locais discretos, enquanto a juventude está em toda a parte” (LAWS, 1995, p.91).

Esse debate nos permite analisar os sujeitos e suas práticas espaciais para além do contexto material de reprodução da vida, no sentido de incorporar outras dimensões importantes como raça, gênero, sexualidade e idade, materializadas num conjunto de forças que posicionam os sujeitos nas estruturas sociais. Esse raciocínio é um dos caminhos que nos ajuda a compreender o ageísmo e suas formas de opressão contra o corpo envelhecido.

A crise sanitária provocada pela pandemia do Coronavírus explicitou ainda mais o preconceito social contra os(as) idosos(as), materializando-se na disseminação de imagens negativas e estereotipadas desse grupo etário pelas redes sociais, caracterizando-os como pessoas frágeis, decadentes e teimosas. Essas ideias ageístas têm se manifestado de diversas formas no contexto da COVID-19, desde visões negativas em que os(as) idosos(as) levam a culpa pelos problemas recorrentes nos sistemas previdenciário e de saúde, até as piadas sobre as dificuldades desse grupo em se manterem isolados em casa.

De fato, a ideia de que os(as) idosos(as) são improdutivos é um dos elementos que levam a disseminação desses preconceitos e isso se agrava com a existência de um governo neoliberal que não valoriza os(as) mais velhos(as) e desdenha das vidas desses sujeitos, ao privilegiar uma lógica perversa que minimiza o impacto da doença entre os mais vulneráveis, vistos como descartáveis na sociedade. Nesse processo, assistimos algumas ações do atual governo que refletem essa política genocida que enxerga a morte de idosos(as) como positiva para a redução do deficit previdenciário.

Ao longo desses meses pudemos acompanhar algumas narrativas que retratam a dor, o

sofrimento e o descaso contra idosos, por exemplo, os casos dramáticos vistos em países de população envelhecida, como a Itália e a Espanha¹¹, em que médicos e enfermeiros foram expostos a uma situação de optar pela vida dos que deveriam viver e os que deveriam morrer, devido à falta de ventiladores respiratórios. Nesse caso, a idade foi um dos critérios para escolha das vidas, em que os mais velhos acabam pagando esse preço, pois segundo essa lógica, eles não tinham mais o que oferecer e contribuir à sociedade, enquanto os jovens poderiam se curar e voltar ao mercado de trabalho e contribuir com a economia.

É importante destacar que apesar de o envelhecimento populacional ter significado uma das principais conquistas do século XXI, ele também é um fenômeno que trouxe consigo grandes desafios para as políticas públicas e para a sociedade. Nesse sentido, há um grande e amplo debate em relação à contribuição e o papel dos idosos, vistos como um contingente da população economicamente inativa, além de se tornar um peso do ponto de vista da previdência social.

No entanto, ao escrever sobre o papel dos(as) idosos(as) na contemporaneidade e a relação com o ageísmo nos tempos de pandemia, consideramos necessário falar sobre as contribuições desse grupo para a sociedade brasileira. Apesar de serem invisibilizados(as) os(as) idosos(as) dão uma contribuição econômica e social importante, no sentido de oferecer renda através de suas pensões e aposentadorias, para ajudar no sustento e sobrevivência no contexto de suas famílias. Em muitos dos arranjos, caracterizados por famílias multigeracionais, os(as) idosos(as) são a única fonte de renda garantida para ajudar no pagamento das contas básicas e no custeio da alimentação. Além dessa contribuição econômica, os(as) idosos(as) também oferecem uma contribuição familiar no sentido de ajudar a cuidar dos(as) netos(as) para os(as) filhos(as) trabalhar, e cuidar das atividades domésticas, até o limite de sua forças e condição física.

Conforme o exposto, temos a compreensão de que a Geografia têm condições de explorar as experiências espaciais dos(as) idosos(as) em tempos instáveis, como a pandemia, a fim de considerá-los como seres únicos e relacionais dentro do contexto de suas famílias e outros sujeitos na comunidade. Portanto, construir uma leitura diferenciada e crítica em relação à velhice e aos idosos foi um dos nossos objetivos nessa análise.

Buscamos nesse texto, ampliar o debate em relação ao tema do envelhecimento e dos idosos com o objetivo de contribuir numa leitura mais positiva, crítica e geográfica da velhice e dos sujeitos idosos, desconstruindo estigmas e visões negativas, revelando as práticas espaciais e a relevância desse grupo para a sociedade.

11

<https://noticias.uol.com.br/colunas/diogo-schelp/2020/04/02/pandemia-da-vazao-a-preconceito-represado-contra-idosos.htm?cmpid=>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço das mortes e contaminação por Coronavírus no Brasil e diante da grande crise sanitária e política estabelecida, torna-se cada vez mais evidente que as vulnerabilidades são socialmente constituídas. Assistimos com enorme pesar o extermínio étnico (negros/as e indígenas), geracional, dos(as) pobres e da classe subalterna em geral.

Em um país no qual $\frac{1}{4}$ (um quarto) da população vive abaixo da linha da pobreza, as consequências da combinação entre Covid-19 e um governo neoliberal, autoritário e particularmente cruel com as minorias, têm-se mostrado uma tragédia. Um pacto de extermínio dos(as) invisíveis, dos(as) irrelevantes, daqueles(as) que possuem outras racionalidades e modos de vida (com especial menção a indígenas e quilombolas).

O presente artigo dedicou-se em reunir duas experiências investigativas, pois os sujeitos destas investigações são justamente estes: os(as) que padecem, os(as) que estão na linha de frente da injustiça social colocada, os(as) invisíveis e irrelevantes do ponto de vista do governo, os(as) que estão virando números todos os dias e compõem as já 25.598 vidas ceifadas até o dia 27 de maio de 2020¹². A cada dia a trama complexifica-se. Com isso, corremos o risco de o que foi dito hoje, talvez não tenha mais o mesmo peso e sentido amanhã. Mesmo com isto, não poderíamos nos ausentar de tal discussão.

Temos nossos sentidos voltados aos(as) trabalhadores(as) subalternos(as) e aos(as) idosos(as), discorremos acerca destas experiências sociais com o objetivo de demonstrar as desigualdades sofridas por estes(as). Buscamos construir uma reflexão voltada a estes(as) e como as minúcias de suas vidas configuram a vulnerabilidade diante do fator de risco.

Abordamos o perfil das varredoras de rua de Presidente Prudente, a precariedade do trabalho em varrição, bem como sobre os possíveis rebatimentos da pandemia para as investigadas. Observou-se que as atividades laborais não foram suspensas e por ser uma atividade notadamente exposta, nas ruas e avenidas da cidade, a céu aberto e sem local adequado para utilização de banheiro, para as refeições ou descanso, a possível exposição ao vírus é ampliada. Somado a isso, a presença de trabalhadoras com idade avançada e comorbidades também são fatores a serem considerados na constituição de suas vulnerabilidades. Em sequência versamos acerca da relevância dos estudos em geografia sobre envelhecimento e as contribuições para a compreensão das questões acerca do ageísmo, que ganha proporções acentuadas na atual pandemia. Não obstante, observamos a importância do papel desempenhado pelos(as) idosos(as)

12 Tamanha a velocidade do crescimento de mortes e contaminados(as) que passados quase três meses desta informação, no dia 13 de agosto de 2020 registrou-se a triste marca de 3.180.758 casos confirmados e 104.528 mortes de acordo com informações oficiais. Vale ressaltar também que até a referida data o Brasil segue sem um(a) Ministro(a) da Saúde.

nas famílias e na sociedade, afirmando, portanto, a urgência de políticas e medidas sensíveis que prezem pela saúde, segurança e bem-estar destes sujeitos.

Um dos pontos importantes dessa análise conjunta é a compreensão de que a pandemia impactou de forma diferenciada os sujeitos sociais, pois, se realizarmos uma leitura interseccional de classe, gênero, idade e até mesmo espaço, notaremos que os grupos mais vulneráveis foram de fato os mais atingidos pela Covid-19, como exemplo, são os dados de letalidade levantados pela Prefeitura de São Paulo que mostram que o maior índice de mortes por Covid-19 ocorreu em áreas periféricas e de maior vulnerabilidade social da cidade¹³.

A forma que o Brasil vem lidando com a Covid-19 evidencia o descaso e a incompetência de um governo que não prioriza a vida de seus cidadãos impactados de inúmeras maneiras pela pandemia. Sob um cenário de tragédia, acompanhamos milhões de pessoas perderem seus empregos, diminuírem suas rendas, passarem por necessidades, e até mesmo, perderem pessoas que infelizmente entraram para a estatística de vidas ceifadas nesses últimos meses.

Compreendemos que os discursos e ações neoliberais do Presidente da República Jair M. Bolsonaro expõe os sujeitos mais vulneráveis a uma política de gestão da morte, pois, com a ausência de ações do Ministério da Saúde e de um plano efetivo para salvar vidas, o Brasil segue em direção a um cenário de tragédia, resultando diariamente nos altos índices de contaminação e de mortes, aumentando a instabilidade social, política e econômica no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSERALD, H. O conhecimento do ambiente e o ambiente do conhecimento. **Revista em Pauta**. Rio de Janeiro. V. 11, N°32. 2013 p. 115 - 129.

ANTUNES, R. **O continente do labor**. Editora Boitempo, 1ª edição, São Paulo, 2011.

BEAUVOIR, S. **A velhice** – a realidade incômoda. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 2.ª ed. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1970, v. 1.

BERNARDES, J. A; ARUZZO, R. C; MONTEIRO, D. M. L. V. Geografia e Covid-19: Neoliberalismo, vulnerabilidade e luta pela vida. **Revista Tamoios**. São Gonçalo (RJ), ano 16, n.

13

<https://oglobo.globo.com/sociedade/covid-19-mais-letal-em-regioes-de-periferia-no-brasil-1-24407520>

1, Especial COVID-19. pág. 188-205, maio 2020.

COSTA, F. B. **Homens invisíveis: Relatos de uma humilhação social**. Editora Globo, São Paulo, 2004, 254 f.

DUARTE, P. M. COVID-19: Origem do novo coronavírus. **Brazilian journal of health review**. Curitiba, v. 3, n. 2, p.3585-3590, 2020.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Editora Boitempo.2010.

HARPER, S; LAWS, G (1995) Rethinking the geography of ageing. **Progress in Human Geography**, 1995: 199–221.

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Tradução: Peschanski, J. A. Editora Boitempo, Rio de Janeiro, 2011.

_____ Política anticapitalista em tempos de Covid-19: coronavírus e a luta de classes. In: DAVIS, Mike. et al (orgs.). **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra sem Amos, 2020.

HOPKINS, P; PAIN, R. Geographies of age: thinking relationally. **Area** Vol. 39 No. 3, pp. 287–294, 2007.

HULME, M.; LIDSKOG, R.; WHITE, J. M.; STANDRING, A. Social scientific knowledge in times of crisis: What climate change can learn from coronavirus (and vice versa). **Wires Climate Change**, 2020. Disponível em: <https://wires.wiley.com/WileyCDA/WiresJournal/wisId-WCC.html>

LAWS, G. Understanding Ageism: Lessons From Feminism and Postmodernism. **The Gerontologist**, Vol.35, No. 1,112-118. 1995.

MACEDO, Y. M; ORNELLAS, J. L. BOMFIM, E. F. COVID – 19 no Brasil: O que se espera para população subalternizada? **Revista Encantar – Educação, Cultura e Sociedade**. Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-10, 2020.

MARANDOLA JR. E; HOGAN, D. J. As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**, v.20, n.1, p.33-43, 2006. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01_03.pdf.

MENDES, L. P. **Varredoras(es) de rua de Presidente Prudente/SP/BR: Uma análise de suas rotinas laborais e de seus climas**, 2019, 197f. (Dissertação de mestrado em geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP,

2019.

SCHWANEN, T; HARDILL, I; LUCAS, S. Spatialities of ageing: The co-construction and co-evolution of old age and space. **Geoforum**, (43), 2012. 1291 – 1295.

MOWL, G. PAIN, R. TALBOT, C. The ageing body and the homespace. **Area**, 32(2), 189–197. 2000.

TARRANT, A. Constructing a Social Geography of Grandparenthood: a New Focus for Intergenerationality. **Area**, vol. 42, no. 2, 2010, pp. 190–197.

Submetido em: maio 2020

Aceito em: setembro 2020